

# OS MÚLTIPLOS CAMINHOS DA TRADIÇÃO ESPIRITUAL E DE SABEDORIA DO POVO EJIWAJEGI<sup>1</sup>

Francesco Romizi (PPGAS-UFMS/BR)

David de França Brito (PPGAS-UFMS/BR)

A presente pesquisa tem como enfoque a vida espiritual dos integrantes de uma sociedade ameríndia no atual Mato Grosso do Sul. A espiritualidade dos Kadiwéu, autodenominados *Ejiwajegi*, é bastante rica e complexa, refletindo processos históricos de contato com a sociedade envolvente e de incorporação de elementos simbólicos e materiais ali encontrados. Descendentes dos temidos cavaleiros Guaicurus, povo guerreiro e resistente que se opôs às penetrações espanholas e portuguesas, aliando-se ao governo brasileiro na ocasião da Guerra da Tríplice Aliança, presenciaram um convertimento ao Evangelho desde a segunda metade do século XX. O objetivo desta pesquisa é compreender mais da realidade espiritual atual da sociedade kadiwéu, tendo em vista os processos de transformação cosmológica em que ela está inserida, as diversas tradições que ali convergem, e as relações estabelecidas entre estas na construção de ideais de autenticidade étnica e espiritual. A presente investigação, portanto, não aborda uma religião em particular, mas as múltiplas formas em que se desenvolvem os processos identitários deste povo, dentro de um universo espiritual intrinsecamente multicêntrico. Ela, em particular, é desenvolvida ao longo de três eixos, com problemas, objetivos e metodologias que lhe são próprios: o primeiro retoma, essencialmente através de uma releitura da literatura etnográfica clássica com um olhar teórico atualizado, o estudo das crenças animistas e das práticas xamânicas de uma religião tradicional, que oficialmente, foi suplantada pela penetração bem-sucedida do cristianismo (evangélico); o segundo, foca o presente evangélico, a partir também dos depoimentos de algumas pessoas idosas que tomaram parte das grandes transformações que levaram à sua constituição; no terceiro eixo, exploramos as maneiras em que cosmologia animista, cultura popular católica e crenças evangélicas, através de contínuos processos simbólicos de ressignificação e apropriação, são conjugadas para dar vida a um modo de estar no mundo, entendido como autêntico, próprio e originário - aqui realizamos algumas indagações e comparações diacrônicas de rituais xamânicos e cristãos, das atuações e prerrogativas dos *nidjenigi*'s (xamãs) e dos pastores, das cosmologias e mitologias antigas e presentes, atentos tanto aos elementos de continuidade como aos de descontinuidade que ali aparecem. Este trabalho, que busca atualizar a obsoleta literatura sobre a vida espiritual do povo *Ejiwajegi*, se sustenta em uma abordagem qualitativa, de base etnográfica (com trabalho de campo realizado na aldeia Alves de Barros, “capital” kadiwéu), com uso de entrevistas e observação, participante ou não.

**Palavras-chave:** *Ejiwajegi*/Kadiwéu; espiritualidade; cosmologia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano:2024).

O presente trabalho é realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## INTRODUÇÃO

O presente ensaio inicia-se no formato de um resumo no evento ELABVIS, I Encontro Latino-Americano de bem viver e inovação social, que aconteceu na cidade de Corumbá, no Estado do Mato Grosso do Sul entre os dias quinze e dezessete de maio de 2024. Ele faz parte de uma pesquisa que visa uma aproximação com a vida espiritual dos integrantes de uma sociedade ameríndia do atual Mato Grosso do Sul.

Os indígenas da etnia Kadiwéu, autodenominados *Ejiwajegi* (PIRES, 2019), são um povo da língua Guaikuru que descende de um subgrupo *Mbayá* e que reside na Terra Indígena Kadiwéu, localizada no município de Porto Murtinho, em um território com cerca de 530 mil h/a em uma formação atual de seis aldeias: Alves de Barros, Campina, Córrego de Ouro, São João, Tomázia e Barro Preto (PIRES, 2019).

Com efeito, os Kadiwéu descendem dos temidos cavaleiros Guaicurus, um povo guerreiro lembrado sobretudo pela grande resistência que opôs às penetrações espanholas e portuguesas na bacia do Paraguai (RIBEIRO, 2019, p. 17); o acordo militar que fizeram com o governo brasileiro, na ocasião da Guerra da Tríplice Aliança, trouxe, como recompensa, o reconhecimento de seu território, hoje habitado por 1.311 pessoas, sendo 80 não indígenas (IBGE, 2022). Não obstante, essa índole guerreira e resistente não impediu que, na década de 1960, o Evangelho penetrasse profundamente na sociedade deles.

A religiosidade dos Kadiwéu, é extremamente rica e interessante, também porque reflete os processos históricos ativados pelos (des)encontros entre indígenas e brancos, assim como a ação das diversas forças ali envolvidas. Esses encontros e os processos de mediação cultural (MONTERO, 2006) daí resultantes, não foram simples nem pacíficos. O objetivo da pesquisa que estamos aqui apresentando é o de realizar uma aproximação com a atual realidade espiritual kadiwéu, em toda sua complexidade e sem perder de vista os processos de transformação cosmológica em que ela está inserida.

É necessário sublinhar que o foco da nossa investigação não é representado por alguma religião particular, seja ela tradicional ou de aparição mais recente, majoritária ou minoritária nas relações da vida aldeã. Ao contrário disso, trabalhamos para identificar e analisar aquelas questões cruciais e aqueles elementos de complexidade que constituem o universo espiritual kadiwéu como intrinsecamente multicêntrico; no sentido de que, por exemplo, acreditamos que não é possível compreender plenamente o cristianismo entre os Kadiwéu sem termos um conhecimento relativamente aprofundado da relação deles com o animismo; ou, também, consideramos difícil entender a fundo a figura e as

atribuições do pastor kadiwéu sem explorar previamente a realidade do xamanismo na história dessa sociedade.

Para evitar mal-entendidos, especificamos que não consideramos essa complexidade apenas como o produto de um processo sincrético, ligado ao contato com o branco; ela sempre esteve presente. Como afirma Calavia Sáez (2009, p. 212), os mesmos etnógrafos construíram, no passado, representações que subtraíam os nativos – “condenados a permanecer mais fiéis ao seu xamanismo e à sua cosmologia do que os crentes de outras latitudes nunca o foram ao seu Deus” (CALAVIA SÁEZ, 2009, p. 212) – de uma análise cultural desagregada ou multicêntrica; que abordando o fenômeno religioso, fora além de sua mera identificação com alguma suposta totalidade orgânica, devolvendo-nos toda sua riqueza, seu dinamismo e sua complexidade.

Isto posto, nossa pesquisa no presente momento, está se desenvolvendo ao longo de três eixos, sendo que os primeiros dois pretendem definir os contornos de dois universos espirituais e cosmológicos, centrais na história desta sociedade, enquanto o terceiro desconstrói essas fronteiras, explorando as áreas cinzentas e as porosidades que existem nelas. Tratando-se de movimentos investigativos dotados de certa autonomia, por conta de suas peculiaridades, especificaremos por cada um deles a metodologia utilizada e, quando for o caso, os resultados preliminares alcançados.

## **1. ANIMISMO E XAMNISMO ENTRE OS KADIWÉU**

O primeiro eixo é conduzido essencialmente através de uma pesquisa bibliográfica, estamos retomando o estudo das crenças animistas e das práticas xamânicas de uma religião tradicional que, oficialmente, foi completamente suplantada pela penetração bem-sucedida do cristianismo. Para isso, estamos mergulhando num trabalho de revisão da literatura etnográfica que documenta a vida espiritual entre os Kadiwéu antes da penetração do Evangelho; além da obra de Ribeiro (2019), que esteve entre eles poucos anos antes da chegada dos primeiros missionários, temos uma abundante e inclusive antiga literatura que, partindo de objetivos e linguagens diferentes, tende a descobrir e a representar as crenças e práticas tradicionais dessa sociedade ameríndia (BOGGIANI, 1945; FRIČ, 1912; LÉVI-STRAUSS, 1996; BUFF CHEVALIER, 1982; SIQUEIRA JR. 1993; PECHINCHA, 1994).

Por outro lado, estamos lendo essa literatura, já clássica, com um olhar novo; proporcionado pelas contribuições de algumas propostas teóricas, como as procedentes do novo animismo (DESCOLA, 2005), do perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE

CASTRO, 2015), dos estudos pós-humanos e multiespécies (KOHN, 2013) e da antropologia da arte (DURAN, 2017; 2021), que nas últimas décadas estão mudando radicalmente a maneira de construir antropologicamente o outro. Ou seja, que tomamos parte daquela virada ontológica que tenta descolonizar o pensamento antropológico, estabelecendo uma verdadeira simetria onto-epistemológica entre nós e os outros, levando finalmente a sério as cosmovisões e os saberes dos povos não ocidentais. Esse encontro entre etnografias antigas e teorias emergentes já produziu alguns primeiros frutos, que oferecem uma nova leitura da mitologia tradicional (ROMIZI, 2021) e, dentro dela, de um mito em particular, o do surgimento do povo *Ejiwajegi* (ROMIZI, 2018); este mito, foi coletado por todos os exploradores e antropólogos que, no último século, estiveram entre os Kadiwéu e, como assinala Pires (2019), apesar das variações que aparecem em suas diversas versões, podemos encontrar em todas elas um fio condutor.

Um dos pontos que chamam atenção neste mito da criação, onde o demiurgo *Aneotedogoji* vai retirando de um buraco os grupos humanos e lhe atribuindo habilidades e ferramentas culturais, é que quando chega nos Kadiwéu, percebendo que não há mais ferramentas para entregar, atribui a estes a função de guardiões da terra e de tudo que nela estava presente, dizendo aos *Ejiwajegi* o seguinte: “tenham a Terra como se fosse a sua casa, viverão dela e não precisarão de cultivá-la; viverão da caça, da pesca e da coleta de frutos” (PIRES, 2019, p18). Neste mito percebemos que características predatórias integram o imaginário coletivo dos Kadiwéu sobre si mesmos e a própria ancestralidade, encontrando nelas motivos que justificariam um certo sentimento de superioridade. Esta ideia é defendida, por exemplo, pelo antropólogo kadiwéu Gilberto Pires (2019), quando, partindo de um apanhado de falas da comunidade, com foco nos relatos de sua sogra e de seu pai, afirma que, para além das variações que atravessam a mitologia do seu povo, é possível identificar um fio condutor, uma espécie de eixo didático que representa os Kadiwéu como sendo especiais perante os demais.

A mitologia tradicional, no entanto, não oferece aos Kadiwéu apenas coordenadas político-identitárias fundamentais para eles estabelecerem seu lugar num campo de relações mais abrangente. O que encontramos foi também que nela opera uma filosofia imanente que se alimenta de uma observação agudíssima da natureza, uma verdadeira “ciência do concreto” (LÉVI-STRAUSS, 2010). Voltando a nossa análise do mito de origem kadiwéu (ROMIZI, 2018), descobrimos nele duas relações, diversamente inseridas no coração da sócio-cosmologia desse povo, que envolvem humanos e pássaros. A primeira relação, de tipo metafórico e permeável à interpretação estruturalista de Lévi-

Strauss, é a que ligaria os três pássaros-detetives convocados pelo demiurgo para encontrar os ladrões do seu peixe – os ancestrais do ser humano. Aqui, em linha com o estruturalismo mais clássico, a mediação bio-lógica, representada pelo pássaro carão (ave crepuscular, palustre e caramujeira), de uma oposição “natural”, constituída pelo par coruja-anhuma (com a primeira noturna, carnívora e terrícola e a segunda diurna, herbívora e aquática), ofereceria aos Kadiwéu um instrumento para pensar e resolver contradições assumidas como equivalentes, dadas no plano sócio-lógico.

Passando à segunda relação, ela se dá entre o pássaro carão, o único que conseguiu ver os ladrões – permitindo ao demiurgo encontrá-los, “humanizá-los” e especializá-los –, e estes últimos. Neste caso, não se trata de uma relação do pensamento, analógica, mas de uma relação real, interpessoal, que é estabelecida quando o carão, depois de ter ingerido um alimento cozido, caramujo preparado pelo Carcará, o *trickster* da mitologia kadiwéu, acabou assumindo a perspectiva humana, conseguindo enxergar os ladrões do peixe do demiurgo. Aqui, evidentemente, em linha com a hipótese perspectivista (VIVEIROS DE CASTRO, 2015), nos damos conta de que a leitura do universo kadiwéu é realizada a partir de dois (blocos de) pontos de vista que, por vezes, podem se encontrar dando vida a processos de tradução, comutação e permutação que são sempre portadores de grandes mudanças (ROMIZI, 2021).

## 2. CRISTIANISMO KADIWÉU

Passando a nosso segundo eixo, a vida espiritual dos Kadiwéu foi revolucionada pelo processo de chegada e progressivo, embora difícil, enraizamento de missionários alemães, ingleses e, finalmente, indígenas. Com efeito, nos anos 1960, a chegada na principal aldeia Kadiwéu, Alves de Barros, de uma missão batista alemã lançou uma importante temporada de evangelização; na qual se sucederam diferentes denominações protestantes. Atualmente, a forma de cristianismo que tem mais influência em Alves de Barros é a pentecostal, presente com três denominações, dirigidas por pastores indígenas. O último *nijienigi* (xamã) da aldeia teria falecido há aproximadamente doze anos. Tais mudanças, que ocorreram com a introdução da semente cristã, não são abordadas aqui como um ponto negativo ou positivo, podendo ser observadas por diversos ângulos. Se no primeiro eixo estamos tentando mapear, descodificar e organizar em sistema as crenças tradicionais, aqui estamos trabalhando para caracterizar o universo cristão presente, nas formas em que ele se configura e desenvolve na Terra Indígena Kadiwéu.

Tratando-se de um fenômeno relativamente recente, e, portanto, permeável à pesquisa etnográfica, em sucessivas estadias etnográficas de curta duração, estamos coletando depoimentos de pessoas que viveram em primeira mão essas grandes transformações. A partir disso, conseguimos reconstruir as principais fases da história da evangelização da sociedade kadiwéu. Além disso, depois de termos mapeado numa pesquisa anterior, em 2014, a situação das igrejas evangélicas na aldeia Alves de Barros, a principal do grupo indígena aqui abordado, estamos prestes a retornar a elas, para realizar uma nova reconhecimento que nos permita registrar as principais mudanças - em termos de liderança, número de fiéis, denominações e orientações doutrinárias, entre outras - ocorridas nelas, nesses últimos dez anos.

O caráter extremamente atual e dinâmico do processo de cristianização da sociedade kadiwéu, aliado a um pequeno número de pesquisas sobre o tema, tornou o trabalho de campo uma opção irrenunciável no desenvolvimento desse eixo investigativo. Estamos falando de um tipo de trabalho que se sustenta em uma abordagem qualitativa, de base etnográfica, na qual as técnicas básicas são a observação – participante e não participante – e a entrevista. Como já aconteceu em 2014, nossa entrada na Terra Indígena Kadiwéu (e, especialmente, na aldeia Alves de Barros) está acontecendo após termos solicitado e obtido a permissão da comunidade indígena, concedida pelo cacique, no pleno respeito do pensamento e do modo de viver indígenas, e depois de termos realizado uma avaliação crítica dos riscos e dos benefícios que nossa presença e nossa atuação comportam para os participantes da pesquisa e para a população local.

Entre as questões relativas à dimensão cristã da vida espiritual dos Kadiwéu que consideramos centrais e que estamos investigando, além dos processos de implantação e desenvolvimento das igrejas evangélicas, encontramos as que seguem: relatos sobre as conversões e os motivos pelos quais elas aconteceram - um primeiro dado, aponta para a frequente ligação entre processos espirituais de conversão e de restabelecimento da saúde (ou seja, que não é incomum uma aproximação ao Deus cristão em consequência de um estado mórbido); as relações existentes entre a difusão da moral cristã e determinadas transformações que afetam a ética comunitária - aqui, estamos descobrindo que muitas vezes as lideranças kadiwéu operam estrategicamente a moral cristã para contrastar situações de tensão e anomia social, amiúde ligadas ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas; também nos interessa investigar as interfaces existentes entre universos religioso e étnico - particularmente interessante, aqui, está sendo o estudo da forma em que é mobilizada a língua guaicuru no âmbito de determinados cultos, mas também nossa

reflexão sobre as implicações sociais das práticas cristãs no contexto comunitário kadiwéu, que, em decorrência delas, ora parece se abrir mundo afora, ora consolidar suas fronteiras étnicas; a relação existente entre universos religioso e político - neste caso, chama nossa atenção certo protagonismo político de alguns pastores indígenas, ativos na aldeia Alves de Barros.

Uma das poucas leituras antropológicas com que podemos contar, no estudo do processo de cristianização da sociedade dos *Ejiwajegi*, é a realizada, com relação à mitologia e suas variações em decorrência de uma intensificação do contato com os “brancos”, por Erik Petschelies (2013). Este, em sua dissertação (PETSCHELIES, 2013), realiza também uma sociologia das relações entre indígenas e missionários, defendendo como elas não teriam permanecido indiferentes à abordagem onto-epistemológica predatória dos Kadiwéu, sendo incorporadas dentro dos processos históricos vividos e protagonizados por estes.

Contudo, em um outro texto, de autoria de Benilda Vergílio e Maria Raquel da Cruz Duran (2023), percebemos evidências de rápidas transformações sociais entre os Kadiwéu que apontam para uma diminuição da ação dos *nijienigi*, diretamente associada à chegada do “branco”, com seu projeto e processo civilizatório encabeçado por missionários catequizadores. O que fica nítido pelo texto em questão, é que ao mesmo tempo em que existe uma tensão dinâmica entre tradição e mudança, com uma incorporação de influências contemporâneas como forma de responder aos desafios atuais, existe também uma tentativa de manutenção da tradição, dos seus ensinamentos e de práticas ancestrais, em um movimento de resistência.

### **3. AS FORMAS COMPLEXAS DA VIDA RELIGIOSA KADIWÉU**

No terceiro e último eixo, o menos desenvolvido dos três, pretendemos explorar as áreas de contato, sobreposição e de indeterminação existentes, no pensamento e práticas dos Kadiwéu, entre os dois universos religiosos e cosmológicos abordados em nossos primeiros dois eixos. Como mencionado acima, o trabalho de Petschelies (2013) é um dos poucos que põe sob a lupa antropológica a mudança cosmológica e, sobretudo, mitológica consequente à penetração exitosa de igrejas evangélicas na realidade social kadiwéu. Em particular, ele nos mostra a progressiva influência cristã, na atividade de (re)produção dos mitos associados às crenças tradicionais, em que, por exemplo, os antigos *nidjenigi* vão adquirindo gradualmente atributos do Deus cristão.

O próprio Darcy Ribeiro (2019, p. 130) relata que “as cerimônias que no passado lhe eram atribuídas (a *Nibetád*) tomaram nova feição; hoje são organizadas por Apolinário e dedicadas ao ‘meu São João’”; observando esse comportamento e sem considerar os processos de ressignificação, o antropólogo brasileiro afirma que “os Kadiwéu, que se vão acaboclando, estão prontos a acreditar que os antigos rituais pleiadares também eram dedicados a este santo ou a outro qualquer” (RIBEIRO, 2019, p. 130). O autor percebe, ainda, que a pintura corporal não possui mais como em outrora a aplicação para o enterramento, embora sejam colocadas junto às sepulturas, latas ou vasos de barro com todos os adornos e demais objetos pessoais do morto.

Partindo da hipótese de que é praticamente impossível que um sistema de conceber o mundo e de se relacionar com ele tenha simplesmente sumido, e mesmo nos esbarrando com contínuas negações do mesmo, pretendemos encontrar e seguir seus rastros no tempo presente; estamos trabalhando, essencialmente, com os implícitos significativos que podemos extrair das ações e dos comportamentos de nossos interlocutores indígenas. Neste último eixo, estão sendo fundamentais os conhecimentos construídos no primeiro eixo, assim como nossas investidas etnográficas, realizadas já no âmbito do segundo eixo - em particular, a observação está sendo uma ferramenta mais decisiva do que a entrevista, já que nesta última aparecem muitas poucas referências a esse mundo densamente habitado por espíritos, que caracterizava a vida dos Kadiwéu antes da chegada das missões. Também as categorias teóricas do antropólogo serão particularmente úteis, da mesma forma que o exercício do método comparativo. Em particular, estamos procedendo às comparações de: cultos antigos e cristãos; atuações e prerrogativas de *nidjenigi's* e pastores; cosmologias antigas e presentes - procuramos nessas relações tanto elementos de continuidade como de descontinuidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como tentamos representar ao longo deste ensaio, cada um dos eixos de nossa pesquisa envolve problemas, objetivos e metodologias que lhes são próprios. No entanto, nestas conclusões finais queremos reunir esses trajetos em alguma reflexão de caráter mais geral. Primeiramente, nos parece oportuno destacar que um dos resultados principais que estamos conseguindo por meio de nossa pesquisa é contribuir com a atualização da literatura sobre a tradição espiritual do povo Kadiwéu. Fazendo isso, no entanto, estamos já alcançando um segundo resultado, para nós extremamente relevante, que é o de restituir à imagem dessa realidade a complexidade e a vitalidade que a caracterizam.

Outro ponto a ser considerado é uma maior compreensão do processo de desenvolvimento da cultura kadiwéu, da manutenção, ressignificação e incorporação de novas práticas culturais e crenças que aconteceram e acontecem no tempo presente, marcando um movimento de transformação que é possibilitado pelo modo de ser *Ejiwajegi* e pelo processo de fricção interétnica da sociedade kadiwéu. Para usar uma metáfora de Gellner (1983, p. 139), se tratará de uma imagem, que como acontece com as que se encontra a desenhar amiúde a Antropologia Urbana, seguirá mais o estilo de Kokoschka (cuja confusão dos pontos de cor reflete a variedade, a pluralidade e a complexidade das suas partes) que o de Modigliani (com pouquíssimas nuances, superfícies nítidas e planas bem distintas entre elas, pouca ambiguidade ou sobreposição).

A partir desta imagem, intencionalmente desfocada, não tentaremos construir um modelo representativo da realidade religiosa kadiwéu, mas acompanhar alguns dos devires e das tensões que, cotidianamente, constroem e desconstroem suas ténues, mas vibrantes fronteiras.

## REFERÊNCIAS

BRITO, David de França; ROMIZI, Francesco. **As Complexidades da Vida Espiritual entre o Povo Ejiwajegi**. In: *Anais do I Encontro Latino-Americano de Bem Viver e Inovação Social*. Anais do ELABVIS: Corumbá: UFMS, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/i-encontro-latino-americano-de-bem-viver-e-inovacao-social-401522/800968-AS-COMPLEXIDADES-DA-VIDA-ESPIRITUAL-ENTRE-O-POVO-EJIWAJEGI>. Acesso em: 20/06/2024.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. **O que os santos podem fazer pela antropologia? *Religião e Sociedade***, v. 29, n. 2, p. 198-219, 2009

BOGGIANI, Guido. *Os Caduveo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

BUFF CHEVALIER, Sonia Rosalie. **Alguns mitos dos Kadiwéu**. Publicações do Museu Municipal de Paulínia, n. 22, p. 1-10, 1982.

DESCOLA, Philippe. **Par-delà nature et culture**. Paris: Gallimard, 2005.

DURAN, Maria Raquel da Cruz. **Padrões que conectam: o Godidigo e as redes de socialidade kadiwéu**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2017.

DURAN, Maria Raquel da Cruz. **O que nos ensinam os desenhos ejiwajegi/kadiwéu?** Campo Grande: Editora UFMS, 2021.

DURAN, Maria Raquel da Cruz; VERGÍLIO, Benilda. **Lowani Nidjenigi (fem.), Lotani Nidjenigi (masc.), O “Maracá” do Curandeiro Ejiwajegi e o Poder de se Comunicar com os Espíritos.** Anais do LERR-Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades-ISSN 2526-5849, v. 1, n. 1, 2023.

FRIC, Alberto Vojtěch. **“Onoenr-godi-Gott und Idole der Kad’uveo in Matto Grosso”.** In: *Proceedings of the XVIII session, International Congress of Americanists.* London. p. 397-407, 1912.

GELLNER, Ernest. **Nazioni e Nazionalismo.** Roma: Editori Riuniti, 1997.

KOHN, Eduardo. **How Forest Think: Toward an Anthropology Beyond the Human.** Oakland: University of California Press, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** Campinas: Papyrus, 2010.

MONTERO, Paula. **Índios e Missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural.** In: MONTERO, Paula (Org.). *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural.* São Paulo: Editora Globo, 2006. p. 31-66.

PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. **História de admirar. Mito, rito e história kadiwéu.** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 1994.

PETSCHELIES, Erik. **O Carcará e Cristo. Transformação kadiwéu.** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Unicamp, 2013.

PIRES, Gilberto. **As fronteiras da educação indígena: considerações de um professor ejiwajegi sobre a escola intercultural.** Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019.

RIBEIRO, Darcy. **Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza.** 3 ed. São Paulo: Global, 2019.

ROMIZI, Francesco. **O canto do crepúsculo: reflexões ornito-antropológicas sobre um mito de origem kadiwéu.** *Mana*, v. 24, n. 1, p. 231-260, 2018.

ROMIZI, Francesco. **Condomínio Kadiwéu: mapa mitológico de uma sociocosmologia ameríndia.** In: LINI, Priscila; PASSAMANI, Guilherme (Org.). *Antropologia, fronteira e diferenças.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 193-212.

SIQUEIRA JR., Jaime. **“Esse campo custou o sangue dos nossos avós”: a construção do tempo e espaço kadiwéu.** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.